

CLIPPING

07 de Agosto de 2018
O Liberal – Polícia, 05

Brasil está no 5º lugar entre 83 países com mais casos de feminicídio

No Brasil, em 2013, a média era de 13 mulheres mortas ao dia por sua condição feminina. Segundo dados do Mapa da Violência 2015, dos 4.762 feminicídios naquele ano, mais da metade (50,3%) foram cometidos por familiares, 33,2% dos quais por parceiros ou ex. O Brasil está em quinto lugar em um ranking de 83 países com as maiores taxas de feminicídio do mundo. A morte recente da advogada Tatiane Spitzner, 29 anos, espancada pelo marido Luís Felipe Marvailier não é um caso isolado de feminicídio - o assassinato de uma mulher pela sua condição feminina -, que desde março de 2015 teve a pena agravada no Código Penal Brasileiro, para de 12 a 30 anos de prisão.

O "Relógio da Violência", do Instituto Maria da Penha, aponta para outro dado alarmante: a cada 7,2 segundos uma mulher é vítima de violência física. Em muitos casos, a agressão resulta em assassinato, como mostra o Mapa da Violência de 2015, que contabiliza 106.093 mulheres assassinadas entre 1980 e 2013.

A estratégia da defesa dos agressores de qualificá-los como loucos, monstros ou doentes, transforma o que é uma rotina, como mostram os números, em um pretense comportamento fora do normal, de exceção à regra, quando a violência contra a mulher é cometida por homens comuns, como observa Luanna Tomaz, advogada e pesquisadora do Grupo de Estudos sobre Mu-

lher e Relações de Gênero Eneida de Moraes (GPEM), da Universidade Federal do Pará (UFPA). "Há uma dificuldade de reconhecer um comportamento violento contra a mulher. Como a sociedade tem dificuldade de compreender isso, ela acha que quando há um comportamento de violência, é algo anormal, fruto de uma pessoa doida, monstruosa, cruel e má, mas não é", pondera, ao chamar a atenção à desigualdade de gênero, apontada por ela como a causa de os homens tratarem as mulheres de forma violenta. "A patologização de quem comete a violência é muito ruim, porque impede que a mulher compreenda que o vizinho, marido, parente, pode cometer violência contra ela", adverte. Luanna avalia que tratar a violência contra a mulher como uma doença reduz um problema social a algo médico, quando a maior parte dos agressores não tem transtornos, diz ela.

Psicóloga, mestre em teoria e pesquisa do comportamento e com dez anos de experiência em serviços especializados no atendimento a mulheres em situação de violência, Adriana Reis diz que a justificativa dos transtornos mentais "é a mais fácil para esse tipo de caso, mas não é a adequada". A especialista ressalta que a violência contra a mulher e o feminicídio são resultados da "lógica machista, que constrói

a imagem da mulher como um objeto e os homens aprendem a exercer um papel de dominação em relação a essa mulher". Ela diz que isso não é doença.

"Coincidentemente' a suposta patologia desses homens só vem à tona quando eles são contrariados e rejeitados por uma mulher que decide pôr fim ao relacionamento. Quando é o contrário que ocorre, pouco se vê mulheres assassinando os homens", avalia.

PARÁ

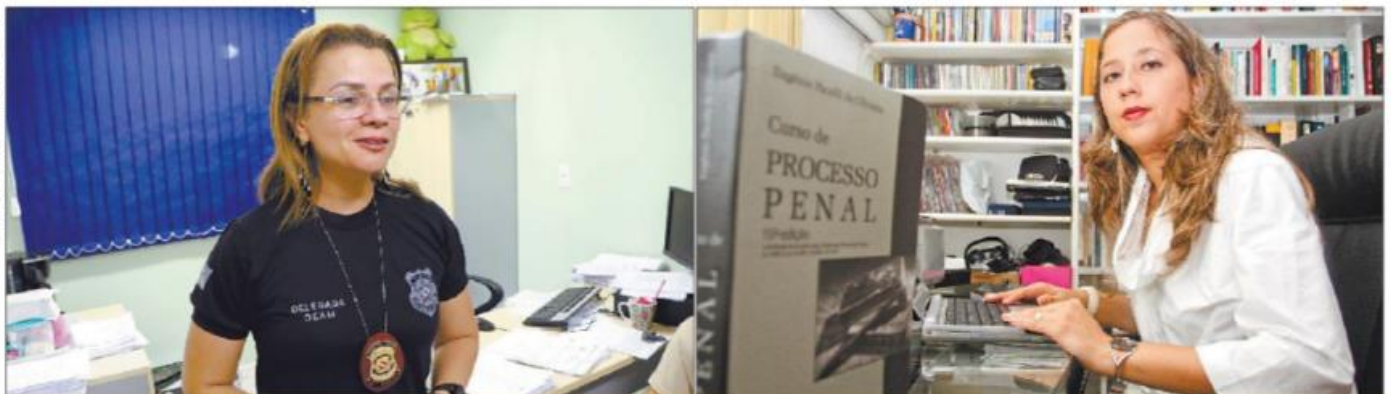
No Pará, 25 casos de feminicídio foram registrados entre os meses de janeiro e junho de 2018, o que representa um pouco mais de quatro casos por mês. Em Belém, seis tentativas de feminicídio foram registradas na Divisão Especializada no Atendimento à Mulher (Deam) de janeiro a agosto de 2018, mas nenhuma foi consolidada. Nos anos de 2016 e 2017, seis e quatro casos de feminicídio, respectivamente, foram registrados na mesma divisão. Ao contrário de 2018, todos foram consumados.

Delegada e diretora da Deam, Janice Aguiar aponta que os casos de feminicídio registrados na Deam foram de autoria do marido ou ex-marido das vítimas, que não se conformam com o final da relação. "O caso dos suspeitos terem algum transtorno não é uma regra. Na verdade, isso é cultural, um comportamento de uma cultura machista", re-

força. A delegada pondera que a grande maioria dos homens age como se fosse dono da mulher. “Essa cultura de que a mulher pertence ao marido faz com que esse tipo de homem entenda que ela não tem valor e que ele pode dispor da vida dela quando bem entender. Não é que ele seja psicopata ou sociopata, ele apenas acha que a vida dela não tem o mesmo valor que a de um homem”, diz a delegada, acrescentando que “eles são pessoais normais, cheios de amigos e vivem socialmente entre a gente”.

A advogada Luanna Tomaz esclarece que a prática de tratar agressores e assassinos de mulheres como doentes é uma estratégia utilizada por alguns advogados, para tentar beneficiar seus clientes. “Entra esse tipo de argumento para impedir que o suspeito receba uma pena ou para que se reduza a pena”, explica. Segundo Luanna, isso ocorre porque, juridicamente, se a pessoa for inimputável - aquele que não tem controle sobre seus atos - é aplicada apenas uma medida de segurança (geralmente o internamento em clínicas para tratamento), mas não uma pena. No caso de pessoas que têm algum transtorno, mas não são inimputáveis, é possível conseguir a redução da pena.

ERIVALDO PINHEIRO/ARQUIVO O LIBERAL



ERILSON MOGISTO/ARQUIVO O LIBERAL

Delegada **Janice** e a advogada **Luanna Tomaz**: cultura machista está na raiz das agressões de homens a mulheres